

ELSINORE



**ÉDOUARD
LOUIS**
O COLAPSO

1

Não senti nada ao saber da morte do meu irmão; nem tristeza, nem desespero, nem alegria, nem prazer. Recebi a notícia como se receberiam informações sobre o tempo, ou como se ouviria alguém relatar-nos a tarde que passou no supermercado. Há quase dez anos que não o via. Não queria voltar a vê-lo. Havia dias em que a minha mãe tentava fazer-me mudar de opinião com uma voz hesitante, como se tivesse medo de me ofender ou de criar um conflito entre os dois.

— Sabes, talvez devesse dar-lhe uma oportunidade... acho que ele ia gostar. Está sempre a falar de ti...

Eu interrompia com brutalidade a conversa, uma brutalidade que eu não conhecia em mim e que nunca teria tido coragem de usar contra ela noutra contexto; eu respondia que não queria voltar a ouvir falar dele, que a minha decisão era definitiva; a maior parte das vezes, ela fazia uma segunda tentativa, de outra forma:

— Mas eu disse-lhe, se voltares a ver o teu irmão mais novo, não o chateias com o passado e com o que aconteceu entre vocês. Deixa-o em paz. E ele prometeu-me. Prometeu-me que não ia falar do passado...

Perante a minha ausência de resposta, ela permitia que a voz se desvanecesse no silêncio e baixava os olhos para o chão antes de passar a outro tema com um entusiasmo demasiado exagerado, uma voz demasiado sonora, e eu percebia que ela falava dessa forma para compensar o incómodo produzido pela sua tentativa de reconciliação malograda e pela minha

agressividade súbita — fico desolado por ter criado nela essa dor, talvez devesse ter feito mais um esforço, mas talvez só possa dizer o que digo agora porque é demasiado tarde, talvez não se possa estar verdadeira e autenticamente desolado a não ser quando é demasiado tarde, não sei.

Soube da sua morte numa terça-feira, alguns minutos depois de acordar. Estava um dia cinzento e frio, a condensação nas janelas enevoava o céu lá fora; estava a ler e vi no telemóvel que a minha mãe me tinha telefonado várias vezes; era muito cedo, não me apetecia falar; mas ela continuou a telefonar, uma e outra vez, e então comecei a imaginar que algo grave ou pelo menos importante se passara — uma vaga sensação, como um instinto difuso, sem linguagem, sem palavras. Foi quando o nome do meu irmão mais novo surgiu no ecrã que tive a certeza de que algo fora do normal acontecera.

Pensei num acidente, na morte — e tinha razão.

Atendi; a minha mãe estava a chorar. Dizia que o hospital se preparava para desligar as máquinas — as do meu irmão —, que só isso o mantinha vivo; a máquina fazia bater o coração de um corpo morto.

No dia anterior, ele fora encontrado pela mulher com quem mantinha uma relação há vários anos, caído no chão do apartamento, inconsciente, como um animal em agonia. O corpo estava no chão porque o coração já não batia. Quando, num segundo momento, foi transportado para o hospital, os médicos constataram que também o fígado deixara de funcionar; e os rins estavam demasiado frágeis, incapazes de cumprir a função que devia ser a sua. Os seus órgãos degradavam-se já há vários anos a uma velocidade excessiva, fora diversas vezes aos serviços de urgência no decorrer dos meses anteriores, e agora

já não havia qualquer esperança, aquele fora o colapso fatal. Os médicos disseram à minha mãe que por causa da paragem cardíaca o cérebro estivera sem receber oxigénio durante vários minutos e ficara afetado, como diferentes divisões de um apartamento que tivessem mergulhado na escuridão umas a seguir às outras, sucessivamente, ou como se este — o cérebro — se tivesse dobrado sobre si mesmo, retraído, de um modo irremediável.

Os médicos diziam que, mesmo sobrevivendo, depois de acordar não voltaria a ser capaz de andar, de falar. O homem que se dirigia à minha mãe e lhe dava as explicações disse-lhe que não era tudo, que além de todos estes problemas lhe haviam detetado um cancro grave no estômago, um tumor anormal, células contaminadas, algo que era estranho não ter sido diagnosticado antes.

Ao telefone, a minha mãe dizia-me que o rosto do meu irmão, na cama do serviço de reanimação, estava roxo, inchado; o meu irmão estava tecnicamente morto, o hospital podia tentar mantê-lo vivo por mais algum tempo, porém não havia já qualquer dúvida, acabara, a minha mãe telefonava-me para me informar de que se estava a preparar para dar autorização à equipa médica para desligar a máquina. Ele estava morto, mas ela era a única que detinha o direito de o fazer morrer. Ele tinha trinta e oito anos.

Ele estava morto, mas ela era a única que detinha o direito de o fazer morrer. Ele tinha trinta e oito anos.

Ele estava morto, mas ela era a única que detinha o direito de o fazer morrer. Ele tinha trinta e oito anos.

FACTO NÚMERO 1

Uma noite, muito antes do colapso, o meu irmão tentara subir à superfície.

Regressara.

Tinha pouco mais de vinte anos, mas há vários meses que estava fora, e quando o seu corpo se apresentou, ali, diante de nós, já não o conhecíamos.

Surgiu no meio da divisão onde jantávamos, com a televisão acesa, o meu pai com o comando na mão, a minha mãe a servir a refeição, e de olhar posto no chão dissera:

— Já está. Consegui encontrar uma coisa.

Silêncio.

O meu irmão repetiu: «Consegui encontrar», e ao pronunciar estas palavras tirou do bolso uma folha de papel plastificado, semitranslúcido; numa das duas faces dessa folha, simultaneamente mate e brilhante, estavam umas inscrições que eu não conseguia ler. Olhou para o papel na sua mão, depois para nós, depois outra vez para o papel, e, por fim, após um longo momento, anunciou que encontrara trabalho num talho da maior cidade mais próxima. Explicou-nos: entrara na loja uns dias antes, quase por acaso, travara conhecimento com o dono e o dono gostara imediatamente dele, de tal modo que, quando percebeu que o meu irmão estava à procura de trabalho, lhe fizera uma proposta de emprego, sem sequer o conhecer bem.

Disse-nos que estava a aprender um ofício novo, com técnicas muito específicas, um conhecimento que não é qualquer pessoa que domina, mas que ele conseguiria. Tinha algo que os outros não tinham, insistia nisso, ia saber trincar uma carcaça, transformar o cadáver de um animal numa peça de carne que faria salivar quem passasse à frente da montra do talho, conseguiria extrair de um corpo morto as peças de carne mais cobiçadas, ninguém é capaz de o fazer, mas ele, sim, ele seria capaz, era isso que nos dizia, e, inclusive, um dia abriria o seu próprio negócio e o seu próprio talho — não conseguia parar, falava depressa —, abriria o seu próprio talho e quando chegasse a sua vez de se retirar transmitiria esse conhecimento tão particular aos outros, seria nomeado e reconhecido como o melhor trabalhador de França e receberia um troféu para o recompensar, talvez fosse convidado para ir a diversos países ensinar aos outros o que aprendera, quem sabe, haveria de viajar, era o que ele nos dizia. O meu irmão sempre teve tendência para pensar em grande, nunca soube sonhar numa escala mais contida, sonhos pequenos, esses sonhos que a maior parte das pessoas formula no seu quotidiano, ter uma casa, comprar um carro para os passeios de domingo, não, sempre sonhou com a sua glória, e creio que foram a dimensão dos seus sonhos e o desajuste entre essa dimensão e todas as impossibilidades que conformaram a sua vida, a miséria, a pobreza, o norte de França, o seu destino, creio que foram todas essas contradições que o tornaram alguém tão infeliz.

O meu irmão ficava doente com os seus sonhos.

Eu tinha apenas treze anos, mas quando ele apareceu na cozinha com esse papel na mão, percebi que vinha para se vingar daquilo que o meu pai e os outros pensavam dele.

Ele sabia que à nossa volta era visto como um falhado — era a palavra que vinha à baila, porque não tinha trabalho e até esse dia não o procurara verdadeiramente, porque já tivera percalços com a polícia e com a justiça, demasiadas coisas para um rapaz de vinte anos, porque tomava drogas, o meu irmão sabia o que os outros diziam dele nas suas costas, e nessa noite em que regressara a casa, mesmo sendo eu demasiado novo, vi-o e adivinhei que ele usava essa promessa de futuro como uma forma de lhes mostrar que estavam errados.

Estendeu o pedaço de papel ao meu pai e o meu pai pegou nele. Nessa altura já toda a gente percebera, e eu também, que era uma dessas folhas plastificadas que os talhantes usam para envolver as peças de carne. O meu pai inspecionou a folha durante alguns segundos, de cenho franzido, o rangido do plástico entre os seus dedos, e depois devolveu-a ao meu irmão sem dizer nada. O meu irmão voltou a pegar no papel, sem perceber o motivo para essa ausência de reação, para aquele silêncio, o porquê daquele vazio depois de um anúncio tão crucial, e enquanto o silêncio persistia, e com ele a incompreensão, o meu pai deixou escapar uma longa gargalhada.

Riu-se num longo riso entrecortado que preenchia a divisão por inteiro e disse, lembro-me, sinto ainda a minha presença no meio da cozinha, a tepidez no meu rosto, o meu pai disse: Mas estás a gozar com a minha cara ou quê? Achas que vou acreditar num falhado como tu, que nunca foi capaz de fazer nada da vida? Um inútil como tu? Achas que vou acreditar em ti por me trazeres um pedaço de papel que qualquer um me pode apresentar? Mas achas que sou um idiota ou quê? Achas que sou suficientemente estúpido para confundir um pedaço de papel que qualquer pessoa pode encontrar num sítio qualquer e um contrato de trabalho? Pira-te mas é daqui

— e virou-se para o ecrã da televisão. Continuou a assistir ao seu programa como se nada fosse, como se o meu irmão nunca tivesse aparecido ali.

Já não sei como é que o meu irmão reagiu. Já não sei se protestou, se gritou para se defender ou se simplesmente olhou para o pedaço de papel na sua mão, sem dizer nada, de rosto baixo e silencioso.

O meu pai estava enganado. Não era possível ter a certeza no dia do anúncio, mas sabemos-lo agora, o meu irmão dissera a verdade, uma semana mais tarde ia começar a trabalhar nesse talho — antes de ser despedido por causa dos seus problemas com o álcool e dos seus atrasos sistemáticos, é verdade, mas isso é outra história, nessa noite ele não mentira.

Lembro-me: saí de casa em silêncio — acho eu. Não se sabia para onde fora. Uma hora depois, telefonou à nossa mãe. Estava a chorar. Disse-lhe que se tinha deitado em cima de um caminho-de-ferro, estava à espera de que viesse um comboio passar-lhe por cima, queria morrer. Dizia à nossa mãe que ouvisse bem o silêncio à volta dele, era o do campo à volta do caminho-de-ferro, o das árvores na noite, era o silêncio da terra húmida. Achou que ela o ia ajudar, que estaria ao seu lado, era normalmente menos dura com ele do que o meu pai, mas enquanto o meu irmão lhe falava, ela manteve-se muda, e o meu pai recuperou o seu riso, *Ah, ah, e agora um suicídio, já o vimos fazer de tudo, vá, bom suicídio, até à próxima.*

E desligaram.

Mais tarde, o meu irmão contará que a sua vida nunca mais foi a mesma depois desta cena. Dirá que esta cena do papel do talho foi mais uma etapa na sua Ferida e por isso, julgo eu, naquilo que ele considerava e considerara sempre, desde a origem, o coração da sua existência.

A voz da minha mãe tremia ao telefone. No fim da conversa, eu prometera-lhe que ia ter com ela ao Norte para a ajudar nas suas diligências junto do hospital e da agência funerária. Perguntara-me:

— Quando é que achas que poderias vir?

E eu respondera:

— Já.

Ela repetira, algures entre uma ordem e uma súplica:

— Sim, vem já. Preciso de ti aqui.

Vi no telemóvel que havia um comboio dali a uma hora; ainda estava só com a roupa interior, tinha de tomar um banho e preparar algumas coisas, quarenta minutos separavam a estação do apartamento onde eu vivia, tinha de me despachar, escovava os dentes no banho e pensava, *Despacha-te*, ensaboava o corpo e sussurrava para mim mesmo, *Despacha-te, Despacha-te*.

Corri na rua, de cabelos molhados, o frio do exterior gelava-me a raiz dos cabelos por estarem húmidos e era tão estranho correr para a morte do meu irmão. Questionava-me se as pessoas na rua podiam imaginar o motivo pelo qual eu corria. Pensei que, de todas as vezes em que vira alguém correr na rua, pressupus sempre, sistematicamente, que essa pessoa corria porque receava perder um autocarro ou chegar atrasada a uma reunião de trabalho importante, em todo o caso algo de anedótico, não a morte de um irmão.

O meu irmão morreu. Examinava esta frase na minha cabeça. Os primeiros pensamentos a emergir em mim eram simples: «Não voltarei a vê-lo, não voltarei a ouvi-lo.» A morte é banal, toda a gente sabe que ele ou ela pensará frases como estas, no entanto, estas frases surgem sempre como se fossem novas, como se fossem vividas pela primeira vez.

Como se o mundo recomeçasse a cada morte.

«Não voltarei a ouvir o som da sua voz. Ele já não existe.»

Estas frases não me deixavam triste, surpreendiam-me, simplesmente.

E depois surgiram imagens:

A vez em que o meu irmão pegara fogo às bancadas do estádio da vila.

A primeira vez em que uma mulher telefonara aos meus pais a meio da noite para lhes dizer que o meu irmão lhe batia.

Todas as vezes em que eu o observava de volta de uma raspadinha, na esperança de ganhar uma soma enorme e mudar de vida.

Todas as vezes em que me arrastava para ir com ele às agências de recrutamento em busca de um emprego extenuante e mal pago, os únicos aos quais ele tinha acesso.

Todas as vezes em que me dissera estar a sofrer.

Eu sabia que um dia teria de organizar estas recordações, fazer alguma coisa com elas.

Cheguei à estação a tempo e entrei no comboio, esbaforido. A carruagem estava vazia; à minha volta, o silêncio e os murmúrios abafados pelos assentos, somados aos tons acinzentados e pálidos do céu atrás das janelas, davam-me a sensação de que o mundo inteiro se articulava para criar um cenário compatível com a situação pela qual eu passava. Enviei uma

mensagem à minha mãe: *Estou a caminho, encontro-me contigo daqui a pouco mais de uma hora.*

A mensagem não foi entregue. Ela devia estar no hospital, dentro de umas paredes grossas, junto ao cadáver do filho.

«O meu irmão passou uma grande parte da sua vida a sonhar. No seu mundo pobre e operário, onde a violência social se manifestava muitas vezes na forma como limitava os seus desejos, ele imaginava que se tornaria um artesão mundialmente famoso, que viajaria, que faria fortuna, que repararia catedrais, que o seu pai, que tinha desaparecido, regressaria e o amaria. Os seus sonhos chocavam com o seu mundo e ele não conseguia realizar nenhum deles. Queria sobretudo fugir da sua vida, mas ninguém o tinha ensinado a fugir, e tudo nele, a sua brutalidade, o seu comportamento com as mulheres e com as outras pessoas, o condenava; as únicas coisas que lhe restavam para esquecer eram o jogo e o álcool. Aos trinta e oito anos, após anos de fracasso e depressão, foi encontrado morto no chão do seu pequeno estúdio. Este livro é a história do seu colapso.» É. L.

Sombrio, dilacerante, político e íntimo, *O Colapso*, vencedor do prémio Les Inrockuptibles, é o mais recente e aclamado livro de Édouard Louis.

«Livro a livro, Édouard Louis vai compondo uma espécie de *Oresteia* contemporânea. A sua, porém, não descreve reis e semideuses, mas a classe operária do norte de França, dando um alcance trágico à história da sua própria família.»

Le Nouvel Observateur



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-078-1



9 789895 890781